

EMÍLIO RIBAS

Na então província de São Paulo, no início do século passado, no modesto âmbito do Brasil do segundo Império, nascia em 11 de abril de 1862, Emilio Marcondes Ribas, na paulistana cidade de Pindamonhangaba.

O vale do rio Paraíba constituía, naquela época, um dos mais importantes eixos econômicos do Estado, graças à sua florescente cultura cafeeira. Eram seus pais: Cândido Marcondes Ribas e Andradina Alves Ribas.

Pinda, cidade modesta mas dotada de bom clima para cultura do café, do algodão, da cana de açúcar e de vários cereais, não demorou muito em se tornar ponto de convergência das populações mais próximas. A vida ali é simples. Nada a complica. Divide-se em duas fases eternas: antes e depois das safras. Durante o primeiro período vive-se do crédito. Concluído o segundo, paga-se o que se deve e a vida continua simples, serena, trabalhosa, mas encantadoramente indolente para o espírito que não trabalha.

O médico nesses lugares é um pequeno deus; sua palavra é quase oracular. Todos o respeitam e o admiram. Ele e o vigário. Ambos nada podem ignorar, devem saber tudo, entender de tudo. Principalmente o médico.

O contraste é tremendo entre o médico da cidade e o do interior, que tem de levar a palavra consoladora a um enfermo sem cura ou um remédio ao doente que não escapa à morte.

Influenciado pelo meio em que nasceu e cresceu, decidiu Ribas estudar medicina na capital do Império, para aprender e desenvolver os meios de melhor cuidar de seus semelhantes e principalmente de seus patrícios.

Estudou na Côrte, formando-se em 1887, após brilhante curso.

Defendeu tese sobre "A morte aparente dos recém-nascidos". O seu doutoramento não o levou a esquecer suas inclinações políticas, pois ao voltar para sua cidade natal foi um dos fundadores do "Clube Republicano" local.

Visitou várias vezes a capital do Estado, mas nela não se fixou de imediato; homem do Interior, suas tendências chamavam-no para o Interior. Exerceu a clínica em Tatuí e Santa Rita do Passa Quatro e em ambas se fez acatado e estimado pelos seus dotes pessoais e dedicada abnegação, revestida sempre da grande simplicidade com que atendia os seus clientes que eram ao mesmo tempo seus amigos.

Em 11 de setembro de 1895 foi escolhido pelo Governo do Estado para Inspetor Sanitário, cargo a que se entregou inteiramente, procurando combater endemias, especialmente a febre amarela em Jaú, Rio Claro, Ribeirão Preto, Araraquara, Piraçununga, São Carlos e outros municípios do Estado.

Em Campinas sua atuação foi marcante e decisiva, pois conseguiu reduzir de 321 óbitos amarílicos em 1897 para apenas 3 no ano seguinte.

Preocupado com a calamitosa situação que então apresentava o pôrto de Santos, onde o tifo icteróide e a peste bubônica, repetidamente, faziam

Discurso pronunciado na sessão da S.P.L., em 9 de abril de 1962, pelo Dr. J. M. Alcântara Madeira.

vítimas e, convencido de que tais moléstias resultavam principalmente da falta de limpeza, Ribas movimentou intensa e extensa campanha em prol do asseio urbano e geral e, especialmente, do domiciliar, com sua pertinácia não autoritária, mas simples e persuasiva.

O ilustre Vital Brasil contraiu a peste e foi Emílio Ribas quem o tratou e daí nasceu e se consolidou a amizade altamente compreensiva que os uniu tanto no terreno afetivo como no científico.

Querendo libertar São Paulo de adquirir sôro pestoso de importações duvidosas e tardias, resolveu produzi-lo com total autonomia técnica e econômica. Firmado no cargo de Diretor do Serviço Sanitário, para o qual fôra recentemente nomeado como justo prêmio ao seu valor pessoal, conseguiu que o Govêrno do Estado adquirisse nos arredores da Capital uma fazenda para nela produzir o indispensável sôro. Assim nasceu o prestigioso Instituto Butantã, para o qual previu e determinou os desdobramentos que fizeram dêle hoje uma verdadeira unidade especializada e única no mundo.

Na luta contra a malária dá magnífico exemplo de desprendimento em suas ações. Seus atos foram sempre orientados no sentido altamente científico e patriótico.

No Brasil, como em outros países, a lição e o exemplo de Ribas serão sempre uma advertência aos jovens cientistas e administradores.

Como disse Paula Souza em trabalho publicado sôbre o grande sanitarista: "Ribas simboliza justamente essa clara visão prática das coisas, nessa época de completo alheamento às realidades técnicas, foi ajudado por estadistas, que saíram mais da escola dos desbravadores de terra que dos discursadores de parlamento, preferindo aos encantos da palavra o colorido do quadro da gleba cultivada. Pena é, entretanto, que excedendo-se nesse sentido, satisfeito da obra realizada, que deveria falar por si só, pouco escrevesse e, assim as picadas de exploração se perderam como a própria marcha da campanha, que tão interessantes seriam para nós."

A nova era da ciência experimental no campo da bacteriologia e da parasitologia estava nos seus primórdios. Tudo isso ressalta mais o valor dos que, como Ribas, não se detiveram à espera da descoberta do germe responsável pela febre amarela, mas resolutamente souberam se valer dos conhecimentos de sua transmissão para dar combate ao mal que nos assolava, com a orientação tipicamente epidemiológica.

"Tudo o que Ribas exigiu e pôs em prática firmava-se na lição comprovada da experiência."

"Sôbre as vantagens auferidas do acêrto das medidas, colhe-se ainda outra maior: o estabelecimento da confiança."

"Foi êle grande mestre nesse assunto, como pioneiro de tôda a renovação sanitária que hoje nos beneficia."

Foi modelo irradiante de trabalho e de civismo, de bondade e de inteireza de caráter, de abnegação até o sacrifício.

Acreditava firmemente no valor da ciência, cujo poder nô-lo demonstrou em inúmeros empreendimentos.

Gênio criador e renovador incessante, o seu grande espírito de organização tornava-o paciente, oportunista, realizador tenaz, sempre vitorioso em seus cometimentos; não se jactava dos triunfos alcançados. Suas atitudes e decisões, em tôdas as circunstâncias, sempre repassadas de benevolência, distinguiram-se pela elevação, pelo critério e pelo sereno espírito de justiça.

Aos vindouros hão de certamente interessar os pormenores da vida pública do higienista que, sem violências, conseguiu implantar no Estado e no País doutrina sanitária nascente, violentamente combatida e repudiada.

Realizou o que vaticinara, executando os audaciosos compromissos assumidos, surpreendendo e conquistando aquêles que o combatiam.

Certo, as novas gerações se informarão desse herói pátrio, original, que revela na luta, além de outros predicados, qualidades excepcionais de resistência, opondo às provocações diárias, em lugar de fraseologia vã, fatos demonstrativos e a serena dignidade do silêncio.

Os brasileiros, dignos desse nome, hão de acatar e honrar a memória do abnegado apóstolo, que se sacrificou e se consumiu no cumprimento da patriótica missão de reabilitar o desacreditado nome da pátria malsã, espalhando por toda a parte vida e saúde.

Não foi só no setor das moléstias contagiosas que se fez notável a sua direção. O grande Oswaldo Cruz valeu-se da experiência de Ribas, utilizando a organização e os regulamentos elaborados para São Paulo para organizar o serviço sanitário federal.

A sua capacidade técnica e a sua clarividência haviam de transpor as fronteiras dos Estados e do Brasil.

Com a sua capacidade de compreender e dominar o presente, tinha a visão de que a vida é contínua modificação. Como cientista tinha o sentido de universalidade, mas como patriota possuía também a noção de brasilidade.

Em 1908, empenhado na luta contra a tuberculose, foi designado para realizar estudos na Europa e nos Estados Unidos, recusando o convite que lhe fez, na ocasião, o governo francês para dirigir o combate contra a febre amarela na Martinica. Preferiu voltar ao seu Estado, onde estudou pessoalmente e publicou trabalhos notáveis a respeito do alastrim e da varíola.

Lutou pela sua idéia de instalar sanatórios para tuberculosos em Campos do Jordão, dando assim a essa estação climatérica a situação que merecia frente à tisiologia nacional.

Pelo decreto de 2 de agosto de 1913 "foi comissionado para acompanhar os estudos clínicos e métodos terapêuticos modernos empregados no tratamento da lepra, bem como o funcionamento dos leprosários-modelo, no país e no estrangeiro, pelo espaço de dois anos".

O problema da lepra, como ainda hoje, estava a desafiar os cientistas, tanto no setor da profilaxia como nos métodos terapêuticos. Faltavam dados em todos os setores, particularmente aqueles referentes à epidemiologia, o que deixava o problema na categoria de "incógnita". Não se conhecia sequer o verdadeiro número de doentes existentes no Estado. Sabia-se apenas que havia regiões com grande número de leprosos e famílias inteiras atingidas.

Incompletos e insuficientes eram os conhecimentos acerca da transmissão da lepra; faltava base científica para construir a profilaxia específica da moléstia.

Não era razão suficiente e bastante para que se ficasse, à moda mulhumana, de braços cruzados diante do flagelo que aos poucos se expandia. De positivo somente se sabia que a moléstia era transmitida e daí a necessidade de isolar o doente da comunidade.

Que o isolamento é útil, surte efeitos seguros, já ficou demonstrado desde o tempo da Grécia, onde os doentes de lepra viviam seqüestrados. Resultado idêntico tivera a Europa, onde o isolamento em milhares de leprosários extinguiu a moléstia.

"O isolamento só é prático quando é feito nas colônias. São instituições perfeitamente adequadas, onde o enfermo pode exercer toda a atividade que suas forças permitam. A colônia é uma pequena cidade, com existência própria e os meios necessários à vida. O doente pode exercer livremente a sua profissão, não faltam elementos para se distrair e não vive perseguido pela idéia do mal que o tortura. A colônia quase que se

bastaria a si própria. A agricultura, a indústria pastoril, o comércio e a indústria fabril poderiam ser desenvolvidas pelo próprio enfermo". Estas foram as palavras proféticas de Ribas com relação à leprose no Estado.

Dos seus estudos e orientação técnica, surgiu o Asilo-Colônia de Santo Ângelo, pedra angular do edifício do D.P.L., cuja organização foi e é considerada como das mais perfeitas do mundo.

Em discurso proferido em São Carlos, em 1946, lembrou Sales Gomes Jr., a propósito de serviços de combate à lepra, que foi Emílio Ribas o primeiro a planejá-los, embora a outros tocasse realizá-los. Contra o parecer de sanitaristas estrangeiros e brasileiros, do porte de Oswaldo Cruz, estabeleceu que os leprosários deviam situar-se no continente e não em ilhas. Queria-os ao alcance das famílias dos enfermos e não longe das grandes cidades para que os institutos de pesquisas ficassem próximos dos centros de experimentação. Felizmente o seu ponto de vista foi vitorioso e as vantagens dessa orientação são hoje reconhecidas por todos.

Três vezes por semana, pela manhã, ia religiosamente ao Asilo de Guarulhos visitar e medicar seus doentes de lepra. Fazia essa viagem pelo trenzinho da Cantareira e, apesar de sua avançada idade e de seu abalado estado de saúde, quando acontecia perder o trem, usava o trenzinho do Horto Florestal, que o deixava cerca de três quilômetros do Asilo, cuja distância vencida a pé.

Foi ele quem criou a farmácia daquele desconfortável e velho hospital. Foi ele também quem introduziu pela primeira vez, ali, o uso do óleo de chaulmugra, adquirindo e fornecendo o Antileprol Bayer.

Visitava pacientemente um por um de seus doentes. E, não raramente, a um de seus auxiliares, procurava convencer e afastar o medo da moléstia.

Fazia com as irmãs de São José a sua refeição, descendo a seguir para visitar os seus enfermos que, na sua quase totalidade, moravam em barracas.

Em seus trabalhos sobre lepra demonstrava profundo conhecimento do problema. Pregava, já naquela época, o isolamento humano em asilo-colônia, onde ao lado do conforto material seria dada assistência médica eficiente e dedicada, para promover mais o isolamento espontâneo do que o compulsório, com o atendimento de comunicantes.

Nesses sanatórios idealizados por Emílio Ribas e ainda funcionando idealmente nasceu e se expandiu a escola leproológica paulista que pelos seus esforços e trabalhos conseguiu que hoje se pratique a nova técnica do não isolamento compulsório e da dinamização dos dispensários e abolição do tabu milenar do pavor da lepra e a reabilitação e recondução dos egressos à sociedade.

Depois de todos esses gigantescos trabalhos prestados ao Estado e à humanidade, por ocasião de sua aposentadoria, recebeu como prêmio de toda a sua dedicação e dos benefícios incalculáveis que prestou, nada mais que uma simples carta protocolar em que se lhe agradecia os bons serviços prestados.

Faleceu aos 63 anos, na mesma modéstia com que iniciara a sua vida pública. Sua rebeldia a manifestações e homenagens empresta à sua memória auréola impressionante de virtude. Deixou a vida como grande médico e sanitarista, como benemérito e patriota.

Sua história deveria constar dos livros escolares para dignificar uma época, um povo e um país.